

LUKACS, György. *História e Consciência de Classe*. Trad. Nascimento, R. [1968], São Paulo: Martins Fontes, [1923] 2003

Orientação para a leitura de *História e Consciência de Classe*

1. Uma nota de marketing: por que ler *História e Consciência de Classe*?

História e Consciência de Classe [doravante HCC] é uma das maiores e mais polêmicas obras produzidas pelo gênio humano contemporâneo. Contém categorias centrais para a interpretação das relações constitutivas das organizações sociais capitalistas, todas elas ocultadas pelas formas ideológicas da hegemonia cultural.

Considerado a obra fundamental do chamado marxismo ocidental, este livro é tão importante na Filosofia quanto nas Ciências Sociais. Sua influência se verifica em autores em qualquer latitude, do globo e do espectro político. Todos os pensadores da chamada Escola de Frankfurt, notadamente Adorno, Horkheimer e Benjamin, foram influenciados pela obra de Lukács. Ocorre o mesmo com importantes filósofos contemporâneos como Agnes Heller, István Mészáros e Lucien Goldmann. No Brasil, sua presença se verifica na sociologia dos intelectuais de Michel Löwy e nas obras Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e Alfredo Bosi.

Nada além de ignorância será perdido durante a leitura de HCC.

2. Começar pelo começo: que forma tem o texto de HCC?

2.1. Autor e Forma

Procurem pensar em quem é o ator e que tipo de texto está diante de vocês.

György Lukács nasceu em 13 de abril de 1885, em Budapeste. A Hungria então compunha o Império regido pela monarquia dual Austro-Húngara. Por esta razão, quem assina seus primeiros textos é György Von Lukacs, o jovem judeu filho de um casal afluente, cujo pai, executivo de um conglomerado bancário do Império, comprara um título nobiliárquico. Sua casa era tão rica material quanto culturalmente e nela homens como Thomas Mann eram recebidos constantemente. Sensíveis a disposição intelectual do jovem Lukács, seus pais o apoiariam em seu interesse pela arte e cuidariam de lhe garantir primorosíssima educação. Ainda em Budapeste, foi dono de uma companhia de teatro e doutorou-se em filosofia e em direito. Depois, em Florença, dedicou-se exclusivamente ao estudo das artes. Em Heidelberg, estudou com Weber e Bloch. Tudo antes dos 23 anos de idade.

Descrito assim, Lukács parece um *dandy*. Talvez tenha sido mesmo. Mas foi sempre um inquieto inconveniente. Um crítico, finalmente. E, entre este momento mais *dandy* e a escrita de HCC dois eventos foram centrais: a Primeira Guerra Mundial, que explicitaria o oportunismo e ensejaria sua ruptura com o amigo e mestre Weber, e a Revolução de Outubro de 1917, cujo Decreto da Paz o conduziria à filiação ao PCH, em 1918.

Portanto, em 1923, quando HCC foi publicado, Lukács já era comunista. No prefácio à 1ª edição, escrito em 1922, o autor se refere a HCC como uma “reunião e publicação de ensaios sob a forma de livro”. Importa ressaltar este ponto: em 1923, Lukács ainda escreve ensaios. Durante a leitura, procurem identificar os elementos que tornam ensaística a sua escrita.

Tais ensaios foram elaborados “em meio ao trabalho partidário, como tentativa de esclarecer para o próprio autor e para seus leitores questões teóricas do movimento revolucionário”. Importa assinalar este ponto: o trabalho partidário se compõe também de uma específica qualidade de atividade política, a intelectual.

Há duas exceções aos ensaios elaborados “em meio ao trabalho partidário”, *A reificação e a consciência do proletariado* e *Observações metodológicas sobre a questão da organização*. Ambos foram escritos especialmente para HCC “numa época de ócio involuntário, ainda que escritos de circunstância lhes tenham servido de fundamento”. Por “ócio” não se entenda o período sabático burguês. A esta altura, Lukács deixara para trás seu passado burguês e, com ele, a vida afluyente do jovem filho de banqueiro, amante das letras e das artes, e se tornara mais um operário da III Internacional. Tal ócio se refere ao “trabalho partidário”. Trata-se do período imediatamente posterior à Revolução Húngara, de 1919, de cuja comuna Lukács participou ao longo de seus quatro meses de duração. Após o fracasso da Revolução, foi obrigado a exilar-se primeiro na Áustria e, depois, na Alemanha, durante três anos. No exílio, foi impedido de praticar o trabalho partidário, mas não a atividade política. Importa reiterá-lo: a atividade intelectual pode e deve ser atividade política. Sobretudo – mas não apenas – em momentos em que o trabalho partidário não é possível. E, na trajetória sinuosa de um dos maiores filósofos do século XX, atravessada por muitos períodos de exílio, a atividade política intelectual é tão frequente quanto poderosa e polêmica.

2.2. Processo histórico e substância

Procurem pensar nas questões concretamente colocadas para o autor quando este escreve e no significado de dedicar HCC à metodologia.

Segundo uma leitura consagrada, haveria períodos em que circunstâncias históricas altamente desfavoráveis fariam o apelo direto ao significado orientador de uma nova metodologia parecer o único modo de reafirmar a validade contínua das perspectivas gerais de uma teoria. HCC seria um “exemplo frisante deste fato”. É assim que Istvan Mészáros se refere a HCC. Mészáros foi aluno de Lukács e é, senão o maior, um dos maiores especialistas em seu pensamento. Em uma passagem de *O Poder da Ideologia*, Mészáros assinala que HCC foi escrito após a derrota militar da República Húngara dos Conselhos e a restauração da dominação e estabilidade do capital, após o curto interlúdio revolucionário [1919] iniciado pela Revolução Russa [1917]. Neste momento, a derrota teria comprometido a tese marxiana de que o processo emancipador se opera “pela totalização consciente dos múltiplos processos sociais conflitantes rumo a uma transformação socialista radical”. Em razão da ausência de condições objetivas para a ideia de uma totalização consciente, Lukács teria que transformar a tese em “postulado metodológico”, a fim de mantê-la viva e válida, a despeito de quaisquer derrotas ou decepções vindouras. Vejamos mais detidamente o que é isto.

O sentido político da substância expressa em HCC na forma de uma metodologia seria de, contra todas as evidências, garantir certeza futura ao processo revolucionário. Segundo Mészáros, diante das circunstâncias negativas da época, e das incertezas por vir, Lukács não poderia apresentar apenas melhoras possíveis ou parciais. Como dirigente, teria, ao contrário, a obrigação de proclamar uma verdade: a certeza de que o capitalismo está condenado e que, por fim, o proletariado será vitorioso”. Para tanto, teria que resolver dois problemas concretamente colocados naquele momento. Em primeiro lugar, a classe trabalhadora não dava sinais de querer superar o hiato existente entre sua consciência de classe *atribuída* e *psicológico*. Em segundo, teria que condenar as tendências burocráticas do partido em que ocupava uma posição central. Por isto, acrescentou àquela certeza quanto à derrota do capitalismo e da vitória do proletariado a declaração de que “[n]ão pode[ria] haver garantia ‘material’ para esta certeza. Ela pode ser garantida metodologicamente – pelo método dialético”.

2.3. Uma “garantia metodológica” sem “um sistema científico completo”

Lukács trata da expressão textual de seu pensamento em HCC reúne ora como “ensaios”, ora como “textos”, mas assiná-la que se tratam, na maior parte, de “trabalhos de circunstância”. Talvez seja esta a Forma dos escritos de HCC. Segundo o autor, trabalho de circunstância é aquele escrito “em meio ao trabalho partidário como tentativa de esclarecer para o próprio autor e para seus leitores questões teóricas do movimento revolucionário”. Todos foram reescritos, mas “não perderam em relação a seu caráter de trabalhos de circunstância”. Foram reescritos, mas não reelaborados radicalmente. Tal reelaboração radical teria “significado a destruição do seu núcleo essencial, a [s]eu ver correto”. Não fica claro que é este “núcleo essencial”. Mas sabemos o que é constante, comum a todos os textos, a saber, “seu caráter de trabalho de circunstância”, sua, digamos, “causa final”, que é “esclarecer questões teóricas do movimento revolucionário”.

Não obstante, a ausência de reelaboração radical implica a ausência de “um sistema científico completo”. Seria este o caso de “A mudança de função do materialismo histórico”, em que “ressoa[ria]m esperanças exageradas e otimistas [...] quanto à duração e ao ritmo da revolução etc.”. Não por acaso, Lukács se tornará um dos críticos mais duros e diligentes de HCC. Quase sempre em razão de identificar o livro com os “anos de aprendizado do marxismo”. Neste período de formação incompleta, elementos de “dogmatismo” e “subjetivismo” assinalariam a presença de uma “herança idealista da juventude”.

Entretanto, uma “coesão objetiva” se expressaria na “sequência dos ensaios”, os quais, por isto devem ser lidos na ordem. Assim, vamos acompanhar a orientação de leitura sugerida por Lukács, em 1922.

